

INTEGRAÇÃO DE LINGUAGENS: UMA EXPERIÊNCIA EM ARTE-EDUCAÇÃO. Marcela Gomes Pupatto, Luiza Helena da Silva Christov. – Sub-área - Artes - Educação Artística – Departamento de Artes Cênicas e Fundamentos da Comunicação – Instituto de Artes – Campus de São Paulo.

Desde a criação da Academia Imperial de Belas artes no Rio de Janeiro, em 1816, foi instaurado um ensino oficial das artes, seguindo os modelos europeus, cujo objetivo era atender à demanda de preparação e habilidades técnicas e gráficas, consideradas fundamentais à expansão industrial. Aqui, como na Europa, o desenho era considerado a base de todas as artes tornando-se matéria obrigatória nos anos iniciais de estudo da Academia Imperial. No ensino primário o desenho tinha por objetivo desenvolver também essas habilidades técnicas e o domínio da racionalidade.

No início do século XX o ensino de arte, no caso, desenho, continuou a apresentar-se com este sentido utilitário de preparação técnica para o trabalho. Do ponto de vista metodológico, os professores, seguindo essa "pedagogia tradicional" (que permanece até hoje), encaminhavam os conteúdos através de atividades que seriam fixadas pela repetição e que tinham por finalidade exercitar a vista, a mão, a inteligência, a memorização, o gosto e o senso moral.

A disciplina educação artística ministrada nas Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEF) do município de São Paulo ainda é, em sua maioria, voltada ao ensino das artes plásticas.

Segundo Viola Spolin, "A experiência teatral, como a brincadeira, é uma experiência grupal que permite a alunos com capacidades diferentes expressarem-se simultaneamente enquanto desenvolvem habilidades e criatividade individuais"¹. Este projeto é um estudo de uma prática em arte-educação, dirigido a trinta e um alunos, entre nove e doze anos, da 4ª série B, da EMEF Brigadeiro Faria Lima, cujo objetivo é propor a integração das linguagens teatral e plástica, numa perspectiva *prática* e teórica, focando o trabalho coletivo, já que normalmente o ensino de artes plásticas (desenho e pintura) é exercido de forma individual.

A proposta inicial compreendia jogos teatrais, fundamentados em Augusto Boal e Viola Spolin, e exercícios plásticos propostos por professores e arte-educadores como Maria Heloísa Ferraz, Maria F. de Rezendi e Fusari, Edith Derdyk, Ana Tatit e Maria Sílvia M. Machado, com o objetivo de estimular a concentração, a integração e observar as possibilidades dos alunos.

No decorrer do processo com a percepção da dificuldade dos alunos em trabalharem em grupo, fez-se necessário um retorno ao trabalho individual (senso comum dos alunos), focalizando o desenho, o indivíduo e suas potencialidades.

Após algumas aulas e os alunos compreendendo as atividades, foi possível retornar à proposta inicial, focando o aluno como um indivíduo e evidenciando-o como parte de um todo. Para isso, foi realizado um trabalho que integrou as duas formas (individual e coletiva) e as duas linguagens (teatral e plástica), abordando a linha como elo entre o desenho e o corpo, contando com apoio visual de trabalhos de Kandinsky, de exercícios de Ana Tatit e Maria Sílvia M. Machado e os jogos teatrais de Viola Spolin, que afirma que: "o jogo é uma forma natural de grupo que propicia o envolvimento e a liberdade pessoal necessários para experiência. Os jogos desenvolvem as técnicas e habilidades pessoais necessárias para o jogo em si, através do próprio ato de jogar. As habilidades são desenvolvidas no próprio momento em que a pessoa está jogando, divertindo-se ao máximo e recebendo toda a estimulação que o jogo tem para oferecer – é este o exato momento em que ela está verdadeiramente aberta para recebê-las"². Esta prática possibilitou explorar aspectos compartilhados como o movimento, o ritmo, a intensidade e a forma, além de ajudar a desenvolver a auto-confiança e auto estima.

¹ SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. 4ª edição. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1963. 251p.

² _____. *Improvisação para o teatro*. 4ª edição. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1963. 4 p.

Os alunos demonstraram habilidade artística e criativa, depois que compreenderam as propostas, foram estimulados, tiveram condições de trabalho e liberdade para se comunicar e se expressar. A participação nas atividades ocorreu de forma mais intensa, efetiva e concentrada, mesmo que ainda haja dificuldades no trabalho coletivo. Também entenderam que a aprovação do trabalho é mais pessoal do que uma nota atribuída pela professora. A linguagem e as atitudes de autoritarismo foram constantemente suprimidas com o ensejo de que a personalidade de cada aluno surgisse durante os exercícios. Hoje, as propostas são recebidas com curiosidade e maior respeito.

Pode-se concluir que o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade, dos horizontes cognitivos e da compreensão da criança do seu patrimônio cultural – processo de suma importância para a sua formação enquanto sujeito social – ocorre por causa do desmoronamento das barreiras lingüísticas, culturais e sociais em contato com as duas linguagens (teatral e plástica) em vivências coletivas.

Referências bibliográficas:

- BARBOSA, Ana Mae. *Arte-educação*. São Paulo: Editora Cortez, 1997.
- BOAL, Augusto. *200 jogos para atores e não-atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- FERRAZ, Maria Heloísa e RESENDI E FUSARI, Maria F. de. *Metodologia do Ensino de Arte*. São Paulo: Editora Cortez, 1993.
- SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. 4ª edição. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1963.
- TATIT, Ana e MACHADO, Maria Silvia M. *300 Propostas de Artes Visuais*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.